

Na ladeira mágica da Mantiqueira:

Roberto Drummond (*O cheiro de Deus*) e Thomas Mann

Albert von Brunn
Zurique

Cidade tuberculosa
cheia de micróbios mil
cidade tuberculosa
sanatório do Brasil ^[1]

Roberto Drummond

Belo Horizonte – a recém-fundada capital do Estado de Minas Gerais – foi um dos centros mais importantes de luta contra a tuberculose entre os anos 1930 e a descoberta da estreptomicina (1944): homens e mulheres pálidos chegavam à estação da Central do Brasil e se dispersavam por sanatórios, hotéis e pousadas à procura de cura. No início do século XX a tísica era ainda uma doença muito comum e praticamente incurável. As terapias da medicina tradicional eram bastante ineficazes. Somente após o surgimento dos raios X e – a partir de 1882 – do *Pneumotórax* de Carlo Forlanini aumentaram as hipóteses de sobrevivência. Ainda assim, entre 1900 e 1920 uns 70% dos tuberculosos morriam, depois de uma ou várias curas, em um período de dez anos ^[2].

Este iria ser o triste fim do jovem médico Alberto Cavalcanti (1891-1951), filho de uma tradicional família pernambucana. Começara, em 1911, os estudos de medicina no Rio de Janeiro quando foi atingido pela tísica no terceiro ano de faculdade. Teve que interromper os estudos e mudar-se para Davos-Dorf na Suíça onde conseguiu curar-se em apenas nove meses. No ínterim, a Primeira Guerra Mundial tinha eclodido e as comunicações com o Brasil foram cortadas. Alberto Cavalcanti ficou na Suíça e se formou na Universidade de Zurique onde fez doutorado com uma tese sobre tuberculose pulmonar (1920). De volta ao Brasil em 1922 já não se livrou da magia das montanhas, do estranho fascínio da cura e da disciplina dos sanatórios. Alberto Cavalcanti dedicou o resto da vida à luta contra a peste branca e foi considerado um dos fisiólogos mais ilustres do seu tempo. Em 1925 fundou o Sanatório Cavalcanti nas Alterosas onde aplicou os métodos mais avançados da época, anterior aos antibióticos ^[3]. A Cidade de Minas

com o seu clima temperado sem poluição, névoa ou vapores nocivos, pouca umidade e poucos ventos parecia o lugar ideal para o tratamento da tísica, comparável a Davos ^[4]. Alberto Cavalcanti entra no romance *O cheiro de Deus* de Roberto Drummond como médico famoso e fisiólogo ilustre tratando infrutuosamente de curar a jovem Felipa Guimarães.

Davos em Minas Gerais

Belo Horizonte era cidade-sanatório e recebia homens e mulheres pálidos como folha de papel. [...] Situada ao longo da Serra do Curral, que a protegia como se um exército inimigo sob o comando do General Koch estivesse pronto para atacá-la [...] Belo Horizonte era quase tão boa como Davos, na Suíça.[...] Existiam em Belo Horizonte sanatórios para todos os bolsos. Os ricos preferiam o Sanatório Hugo Werneck. Ocupava um prédio branco, para os lados de Santa Luzia, e era cercado de árvores e os sabiás cantavam nas árvores, e lá tudo era branco. [...] Os pobres preferiam o Sanatório Morro das Pedras, cujo alto-falante tocava, durante toda a tarde, a toda altura, o “Bolero” de Ravel [...]. Às cinco da tarde a febre dos doentes subia a 41 graus. Eram tantos e tossiam tanto que Catula dizia a Vó Inácia que Belo Horizonte também estava com febre, também delirava ^[5].

Ao longo do século XX, o sanatório virou um não-lugar literário, um ponto fora das grandes metrópoles e um modelo para colocar em cena contrastes sociais, visões decadentistas e de naufrágio de uma classe – a burguesia. A instituição que viria dar um modelo a estas representações literárias não era feita para os pobres. Era uma casa de saúde luxuosa – a meio caminho entre hotel e hospital – com um prédio principal ao abrigo dos ventos, uma galeria destinada ao repouso e rodeada de um grande parque, muito longe do barulho da cidade. Este sanatório não acolhia nem aristocratas nem proletários mas, sim, os representantes abastados da burguesia. Fundado pelo médico silesiano Hermann Brehmer (1826-1889), esta instituição burguesa sobreviverá à Primeira Guerra Mundial para sucumbir após a descoberta da estreptomicina em 1944. As metáforas ligadas a este sanatório europeu correspondem à ambivalência dos pacientes: convento sem fé, cruzeiro de luxo ancorado na montanha, terra de exílio, prisão. O sanatório só conhece duas saídas – a alta ou a morte ^[6].

Esta *Arcádia da doença* [7] que surge nas páginas da *Montanha mágica* [8] de Thomas Mann ou na correspondência de Franz Kafka não deixa de ser um falso idílio que costuma acabar na desilusão completa dos protagonistas. No Brasil predomina uma só imagem – a do cárcere, da colônia penal. No romance, o elegante Sanatório Hugo Werneck nos arredores da capital mineira é comparado à Ilha Grande onde a ditadura estadonovista costumava deter os presos políticos.

A vítima mais ilustre da tísica no romance de Roberto Drummond é Felipa Guimarães, filha de uma tradicional família mineira. Muito nova assiste à primeira briga entre os pais. Anos a fio lembrará estas disputas entre paroxismos de febre e ataques de tosse. O motivo é sempre o mesmo – as aventurinhas do pai. Aos cinco anos, Felipa descobre um truque eficaz para acabar com as desavenças conjugais – a hemoptise, o vômito de sangue. A mãe não acredita na doença da filha (a tísica, naquela altura, equivalia a uma sentença de morte). Os suores noturnos seriam apenas pavores infantis e a tosse devida a uma bronquite prolongada. O dr. Alberto Cavalcanti confronta – no romance – os pais de Felipa com a dura realidade. Desaconselha uma viagem a Davos: a moça não resistiria à solidão nas montanhas suíças; o tratamento em Belo Horizonte seria praticamente o mesmo. Mas Felipa não quer ficar boa. De repente, o pai tem uma idéia: contrata um galã para fazer a corte à filha, com êxito. Felipa toma seus remédios e sai curada do hospital. No entanto, a alegria é breve: os anos perdidos serão irrecuperáveis e a estreptomicina virá tarde demais para salvar Felipa.

Por falta de uma terapia adequada antes dos primeiros antibióticos, o estado burguês desenvolveu uma série de medidas para conter a doença que não podia erradicar. Esta estratégia era de duas ordens – social e geográfica. Para o paciente, o diagnóstico *fraco do pulmão* não levava apenas à morte física. Ao mesmo tempo, ele enfrentava uma estratégia de marginalização e exclusão: muitas vezes, era impedido de casar, sua carreira profissional era fadada a frustrar-se. Na prática, ele vivia uma morte social antes mesmo que o bacilo de Koch tivesse perfurado seus pulmões. Para Felipa – filha bonita da melhor sociedade mineira – o pior momento vem no fim do curso liceal: ela quer sair no *Baile das Debutantes* como todas as moças belorizontinas. A mãe manda vir por avião um lindíssimo vestido de Paris. De repente, surge do nada uma carta

anônima denunciando Felipa como tuberculosa crônica. A festa acaba na hora, o vestido fica pendurado no armário ^[9].

Na virada do século XIX para XX, o modernismo literário tinha-se apropriado da tradição médica de então que associava certos fenômenos patológicos ao gênio e à criatividade. Surgiu a imagem do artista boêmio e decadente que vivia numa espécie de sub-mundo da tuberculose e da ociosidade. Esta figura destoava da prevalente ética burguesa que privilegiava os valores do trabalho, da saúde e da política sanitária da higiene. O artista do modernismo transformou-se no símbolo da decadência, da negação dos valores burgueses. A mulher tuberculosa – pálida e fria – virou emblema estético e o sanatório se configurou como torre de marfim para o artista à procura de uma alternativa longe da sociedade burguesa. A leitura equivalia a uma doença incurável, transmitida por herança entre as gerações ^[10]. De esta visão tardo-romântica e finissecular, nada sobra no romance de Roberto Drummond: a vida de Felipa, arruinada pela tísica, vem enredada com certas práticas comerciais de índole duvidosa, dominadas pelo clã dos Drummond.

O castelo dos Drummond

Era um castelo como os castelos dos Contos de Fadas. Nas noites de lua, com suas paredes levemente pintadas de azul, ganhava um toque de magia. Parecia pertencer a um mundo de faz-de-conta, como queria Tia Viridiana. Tinha quatro torres e a torre maior subia acima de seus cinco andares como o pescoço de uma girafa. Era na torre mais alta que o pistoleiro Vagalume montava guarda. [...] Os serviços domésticos do castelo, incluindo a cozinha, Tia Viridiana entregou aos 7 Anões. [...] Eram artistas de circo desempregados. [...] Um homem de cavanhaque olhava do retrato pendurado na parede da sala de estar do castelo. [...] Era Vô Old Parr ^[11]

A família Drummond – três gerações de imigrantes da Escócia – está enredada numa malha intrincada de relações incestuosas, abençoadas por generosas licenças da Igreja Católica. Assim, o fundador, Vô Old Parr, casa com a sobrinha Vó Inácia e instala-se no Contestado, uma fronteira mal definida entre Minas Gerais e Espírito Santo. Grande admirador de William Wallace, Vô Old Parr batiza seus quatro filhos e o neto com nomes de marcas de whisky escocês – White Horse, Red Label, Dimple, Black Label, Buchanan's – e morre na demência. A viúva, Vó

Inácia, fica à frente do clã, mesmo cega: ela dirige os destinos de sua tribo, apesar de seus filhos tentarem arrancar-lhe as rédeas do poder. Depois da mudança para Belo Horizonte, a história da família confunde-se cada vez mais com a tísica e suas vicissitudes. Tio Dimple, o primogênito, fareja o grande negócio e compra em nome do clã 136 pensões sanitárias para tuberculosos. Todas as noites, de sua janela, ele mede a intensidade das tosses numa espécie de barômetro improvisado. A empresa, porém, é fadada à falência: sob o impacto da estreptomicina, o exército do general Koch bate em retirada e a família vai à falência. O castelo, a fazenda e os cafezais acabam indo para o leilão para pagar as dívidas. Ao lado das práticas duvidosas com as vítimas da peste branca, o clã dos Drummond tem mais um pesadelo – o incesto, personificado por Tia Anunciata: “Toda noite, menos nas noites de segunda-feira, o fantasma de Tia Anunciata aparecia no jardim do castelo de Vó Inácia e cantava [...]. Tia Anunciata escrevia, usando caneta de tinteiro e folhas de papel tão brancas como um lençol.”^[12] As folhas de Tia Anunciata são as páginas do romance *O cheiro de Deus* e prefiguram a catástrofe final. Mas só uma personagem será capaz de captar este cheiro divino – a avó cega. Vó Inácia descreve o cheiro de Deus como uma mistura entre “a loucura do coração e os perfumes da vida que levam os homens e as mulheres a morrer de amor”^[13].

Na tradição judaico-cristã ocidental, o incesto é definido como união sexual entre duas pessoas do mesmo sangue, num grau de parentesco incompatível com o casamento. Com certeza, este tabu foi violentado muitas vezes ao longo da história. Basta lembrar alguns casos clamorosos como os incas do Peru, os antigos reis da Pérsia ou a dinastia ptolemaica no Egito. Cleópatra – sem ir mais longe – foi o resultado de pelos menos onze gerações de relações incestuosas. Será que o incesto é tão horrível como o pintam, a ponto de merecer o estigma social vigente nas nossas sociedades?^[14] Seja isto como for, no contexto da sociedade católica brasileira anterior ao Concílio Vaticano II não há nada pior do que o incesto. Assim, todos os membros da família Drummond sofrem febre alta ao cometer este pecado, uma febre feita de calafrios e suores noturnos, muito semelhante aos sintomas da tísica que os faz viver.

Na *Montanha mágica* ^[15], Thomas Mann dedica todo um capítulo às pesquisas de Hans Castorp. Entre as patologias que fascinam tanto o jovem protagonista como o próprio autor do romance encontra-se a febre, um fenômeno cheio de contradições. De acordo com essas idéias, a febre seria uma manifestação demoníaca que ultrapassa as fronteiras para revelar-nos a nossa nudez mais íntima. Não será que essas fantasias muito se assemelham a certas formas medonhas do amor? Não haverá só um passo entre as visões da febre e os excessos morais da perversão?

^[16]. O que Thomas Mann coloca aqui como hipótese vira certeza no *Cheiro de Deus* de Roberto Drummond: na Sodoma e Gomorra das orgias e das tosses – sobrenome da capital mineira no romance – se misturam tísica e incesto, culpa e pecado para formar um pesadelo que faz pensar num clássico da literatura norte-americana – *A queda da Casa Usher* ^[17] de Edgar Allan Poe: os irmãos Usher moram num sombrio castelo rodeado de um lago na montanha e sem contato com o exterior. Toda e qualquer comunicação com o mundo circundante revela-se impossível e a Casa Usher está destinada a extinguir-se por falta de descendência. Da mesma maneira, o clã dos Drummond mora no ambiente irreal, faz-de-conta, de um castelo de aspecto medieval no meio de uma cidade sitiada pela peste branca. As sucessivas relações incestuosas entre os membros da família reduzem cada vez mais o círculo familiar até esgotar as reservas vitais. Os netos de Vó Inácia carecem de descendência: Buchanan's ama compulsivamente um milhar de mulheres para se convencer de sua masculinidade, ao passo que Catula ama Tio Johnnie Walker, o lobisomem do Contestado.

A redenção de um lobisomem

Um calafrio subia por minhas pernas. É gripe ou é a língua de uma mulher, perguntei a mim mesmo, perguntei como num sonho na primeira vez que virei lobisomem. [...] Olhei minhas mãos, não eram mais minhas mãos, eram mãos de um lobisomem, mordi o braço pra ver se aquilo não acontecia num pesadelo, mordi até sangrar e descobri, vendo o sangue, que estava acordado. [...] Eu era metade lobisomem, metade homem, fugi pra ninguém me ver e eu senti que não era dono de mim, do meu gostar, do meu querer, do meu amar, do meu odiar, estava em guerra com o mundo [...] procurei um espelho, queria ver minha imagem [...] vi a face do horror, tive medo de mim mesmo, que é o pior medo que existe eu, o lobisomem do Contestado. ^[18]

O lobo não constitui perigo para o homem. Hoje em dia, o animal feroz, descrito em *Chapeuzinho Vermelho* não assustaria ninguém; mas o medo desse bicho vem de muito longe. O lobo personifica o medo perante a natureza, uma força oculta que o homem nunca chegará a dominar apesar das técnicas mais sofisticadas. A crueldade com que este animal foi perseguido durante séculos não tem explicação racional – o prejuízo dos pastores não passa de pretexto. O extermínio do lobo pouco tem a ver com as ovelhas despedaçadas e muito com o medo – tão natural – da morte, da morte violenta. Antigamente, as noites sem luz elétrica eram muito mais escuras do que agora, povoadas de fantasmas. Trevas e perigos – reais e imaginários – misturavam-se com os uivos dos lobos que apontavam para a maldade do mundo. Hoje pareceria inacreditável que um homem virasse lobo. No entanto, a presença imaginária deste animal é muito tenaz e persistente: mesmo depois de exterminado nas montanhas, o lobo sobrevive nos nossos pesadelos. [\[19\]](#)

No mundo que o português criou, o lobisomem está muito presente – Portugal, Brasil e África. A característica fundamental deste ser híbrido é sua natureza dupla – metade homem, metade lobo – como no romance de Roberto Drummond. No folclore brasileiro [\[20\]](#), o lobisomem é aquele que “por um fado se transforma de noite em lobo”. Ele tem – como homem umas feições típicas: palidez, magreza, orelhas compridas e nariz levantado. Aos treze anos abandona de noite a casa e vai para um lugar onde uma égua se espojou para se transformar em lobisomem. Para salvá-lo basta feri-lo levemente. O salvador não deve, porém, sujar-se com o sangue do lobisomem; senão herderia a mesma triste sorte.

No romance de Roberto Drummond, as coisas mudam um tanto: Tio Johnnie Walker, o lobisomem do Contestado, é amamentado por uma loba porque a mãe tem pouco leite. Ele é – como todos os membros da família – o resultado de uniões incestuosas. E a metamorfose de Tio Johnnie Walker sempre se dá em noites de lua cheia. Nestas ocasiões, ele lança um cravo vermelho para a sobrinha Catula. A simpatia é recíproca e o lobisomem será salvo pelo incesto. Catula lhe fala em latim – língua da igreja – e o beija na boca. Ela vira negra e ele se transforma em um homem comum.

“O tempo, afirma Vó Inácia a dada altura no romance, “é o maior tirano que existe e nos impõe suas vontades [...]. Podemos pegar em armas contra os ditadores e derrubá-los [...]. Mas não podemos pegar em armas e iniciar uma guerrilha contra o tempo.” ^[21] Na *Montanha mágica* de Thomas Mann acompanhamos um jovem rapaz – Hans Castorp – numa viagem de trem que o levará até ao cimo da montanha, numa região sem tempo onde a razão e o instinto se anulam mutuamente, até o momento em que a guerra destrói as ilusões e a febre agita não só os corpos dos doentes, mas os homens em geral. Neste limbo entre a morte e a guerra se situa o fascínio da estação de cura – Davos, Riva del Garda, Marienbad. O romance de Roberto Drummond também suprime o tempo. Trata-se do tempo infundável de uma avó cega – Vó Inácia – que aguarda o cheiro de Deus falando com seu rifle para evitar a loucura. O estranho fascínio de Belo Horizonte, cidade-sanatório com seus hospitais, pensões e o esquisito castelo dos Drummond só simula uma *Arcádia da doença*: a história do declínio deste clã equivale a um surto de febre entre duas ditaduras, o Estado Novo (1937-1945) e o regime dos militares (1964-1985).

Roberto Drummond (1933-2002) foi um dos escritores mais conhecidos no Brasil. Em 1957 começou a escrever para a *Folha de Minas*, mais tarde dirigiu as revistas *Binômio* e *Alterosa*, ambas proibidas pelo regime militar depois do golpe militar (1-4-1964). Durante anos escreveu crônicas de futebol além de contos e romances. Com *Hilda Furacão* (1991), transformada em minissérie pela TV Globo, ganhou fama no Brasil inteiro ^[22]. O seu último romance, *O cheiro de Deus*, é o resultado de muitas pesquisas entre fisiólogos, pacientes e enfermeiros da antiga cidade-sanatório.

O primeiro poeta da tísica foi provavelmente o médico indiano Susruta no século décimo antes de Cristo: num tratado de medicina, ele comparou a doença à lua, à fria deusa da noite ^[23]. Depois dele, legiões de poetas cantaram a peste branca em suas formas mais variadas, entre eles muitos brasileiros românticos e modernistas. Depois da publicação da *Montanha mágica* em 1924, a temática parecia ter esgotado suas possibilidades. Roberto Drummond acaba de provar o contrário com *O cheiro de Deus*, romance de uma época de transição entre pecado e culpa, incesto e doença, tradição e modernidade – uma montanha mágica brasileira entre o odor da

santidade e o anátema da perdição. Mas ao passo que a perdição está bem presente na realidade, o cheiro de Deus é apenas procurado – ansiosamente – pelos protagonistas como o cheiro da rosa que parece exalar da capa do livro.

-
- [1] DRUMMOND, Roberto. *O cheiro de Deus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 220.
- [2] NAUMANN, Karin. Bergverzaubert: Die Lungenmetropole Davos und ihre skandinavischen Dichter. In: *Schweiz 1998: Beiträge zur Sprache und Literatur der deutschen Schweiz*. Helsinki: Finn Lectura, 1998. p. 244-66. (Der Ginko-Baum; 16)
- [3] RIBEIRO, Lourival. Alberto Cavalcanti In: *Tisiólogos ilustres*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955. p. 151-7.
- [4] CAVALCANTI, Alberto. *Belo Horizonte e seu clima*. Belo Horizonte: Breiner, 1948.
- [5] DRUMMOND, op. cit., p. 219-20/231.
- [6] POHLAND, Vera. *Das Sanatorium als literarischer Ort: Medizinische Institution und Krankheit als Medien der Gesellschaftskritik und Existenzanalyse*. Bern: Lang, 1984, p. 8-10/29/61/84-7/188.
- [7] Idem, ibidem, p. 172.
- [8] MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- [9] DRUMMOND, op. cit., p. 94-98.
- [10] NOUZEILLES, Gabriela. La ciudad de los tísicos: tuberculosis y autonomía. In: *Anales de la literatura española contemporánea*, n. 13, p. 295-313, 1998.
- [11] DRUMMOND, op. cit., p. 176-9.
- [12] Idem, ibidem. p. 195-8.
- [13] Ibidem, p. 406.
- [14] TWITCHELL, James B. *Forbidden partners: the incest taboo in modern culture*. New York: Columbia University Press, 1987. p. 7-26.
- [15] MANN, op. cit., p. 324-46.
- [16] Cf. RELLA, Franco. Al termine della notte. In: *Metamorfosi: immagini del pensiero*. Milano: Feltrinelli, 1984. p. 72-82.
- [17] POE, Edgar Allan. *The fall of the House of Usher and other tales*. New York: New American Library, 1960. Tradução portuguesa: A queda da Casa Usher. In: *Contos do terror*. Rio de Janeiro: Newton Compton, 1997. p. 22-37.
- [18] DRUMMOND, op. cit., p. 156-7.
- [19] RHEINHEIMER, Martin. Die Angst vor dem Wolf: Wolfglaube, Wolfssagen und Ausrottung der Wölfe in Schleswig-Holstein. *Fabula. Zeitschrift für Erzählforschung*, n. 1/2, p. 25-78, 1995.
- [20] CASCUDO, Luís da Câmara. Lobisomem. In: *Dicionário do folclore brasileiro*. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. v. 3. p. 500-1.
- [21] DRUMMOND, op. cit, p. 47.
- [22] STROUN, Isabelle. *Roberto Drummond*. Paris: L'Harmattan, 1992. p. 6-13.

[\[23\]](#) ANZALONE, Michele. *Negli orti della regina: malati tra invenzione e realtà*. Bologna: Boni, 1977. p. 15 (Saggi; 18)